

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

A construção de experiências educativas a partir da seleção e exibição de filmes em territórios campesinos de Minas Gerais

Mariana Vilhena de Faria
Pesquisadora Fapemig BDCTI - Nível I
marimd2@hotmail.com

Camila Zucon Ramos de Siqueira
Universidade do Estado de Minas Gerais - Unidade Divinópolis
camila.siqueira@uemg.br

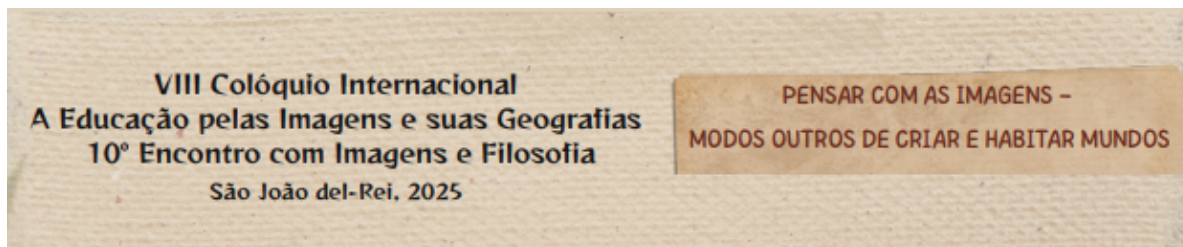
Resumo

Atualmente, em Minas Gerais há uma das cenas mais efervescentes do cinema nacional, localizada principalmente em Contagem, Belo Horizonte e nas aldeias Maxakali. Tendo isso em vista, neste trabalho, nosso objetivo é apresentar os primeiros passos de um projeto de pesquisa e extensão, no qual se investiga a produção contemporânea do cinema mineiro, especialmente a partir dos anos 2000, a fim de realizar exibições em comunidades campesinas do estado. Nesse percurso, trabalhamos ao longo de 2025 com os moradores do Acampamento Pátria Livre (MST), na região metropolitana de Belo Horizonte. Com o intuito de dar visibilidade a essas produções, democratizar o acesso à cultura e fortalecer a Educação do Campo, buscamos construir processos coletivos de curadoria, nos quais o cinema é pensado como tela, espelho e janela, transitando entre a identificação e a ampliação de repertórios; entre a resignificação e o conhecimento de novos mundos. Para despertar o interesse do público campesino, pensamos tais experiências como rituais, isto é, tempo-espacos demarcados para o encontro com o cinema. Nesse caminho, as curadorias têm se constituído como práticas educativas, não só pelos filmes propriamente ditos, mas também enquanto espaço de escuta, acolhimento, fortalecimento de vínculos e troca de saberes.

Palavras Chave: cinema; Minas Gerais; campesinato; exibição de filmes; Educação do Campo

Introdução

Em 2009, a fundação da produtora Filmes de Plástico trouxe novo fôlego para a cena do cinema produzido em Minas Gerais. Apresentando a vizinhança e o cotidiano das ruas de Contagem, os personagens e atores de seus filmes são os amigos e parentes dos realizadores, caracterizando uma fase do cinema mineiro, cujas obras estão bem próximas das vivências de quem a realiza. Com uma produção expressiva de curtas-metragens – com títulos como “Ela volta na quinta”, “Temporada”, “No coração do mundo” –, recentemente, a Filmes de Plástico teve o longa “Marte Um”, de Gabriel Martins, indicado para representar o Brasil no Oscar,



sendo considerada por Pistache (2023), a produtora de cinema mais promissora do Brasil atual.

De forma geral, podemos considerar que além da cena de Contagem, há no momento, em Minas Gerais, uma cena de cinema em Belo Horizonte e outra nas aldeias Maxakali (EDUARDO, 2023). Acreditamos que a efervescência atual pode funcionar como porta de entrada para despertar o interesse pela filmografia mineira, inclusive de outras épocas, mostrando que há muito para ser explorado e descoberto no universo do cinema produzido em Minas Gerais¹.

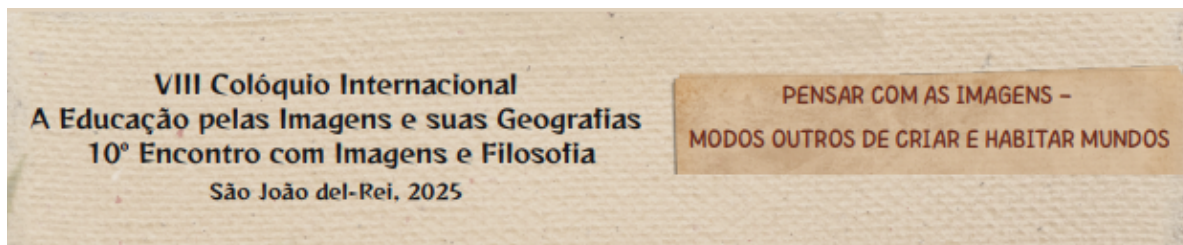
Por outro lado, reconhecemos a invisibilidade dessas produções frente ao que é realizado em outras partes do país, como é o caso do eixo Rio-São Paulo, que detém, em certo sentido, a hegemonia cultural brasileira. Seguindo esse raciocínio, parece-nos fundamental que essas produções tornem-se conhecidas, uma vez que colocam em disputa narrativas sobre outras formas de viver, com seus respectivos sotaques, lugares e temáticas, universalizando questões particulares, ao mesmo tempo em que temas universais são apresentados a partir de perspectivas próprias. Além disso, o acesso a essas obras possibilita ao público mineiro que se reconheça nas (grandes) telas – fato que avaliamos contribuir não só para aumentar o interesse pelo cinema como também para a valorização de seus modos de vida.

Com propósito de dar visibilidade a esses cenários e suas produções, este texto busca apresentar as primeiras discussões de um projeto² – ligado à Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG/Unidade Divinópolis) e à Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), cujo objetivo, dentre outras questões, é realizar coletivamente processos de seleção e exibição de filmes em territórios campestres do estado. Cabe mencionar que até este momento, nossos interlocutores e parceiros são trabalhadores que integram o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), acampados há oito anos em uma área rural do município de São Joaquim de Bicas, na região metropolitana de Belo Horizonte.

Quanto ao percurso deste trabalho, as escolhas envolvem basicamente três momentos que funcionam como filtros e são realizados tanto na Universidade como no Acampamento Pátria Livre: a) pesquisa de obras produzidas em Minas Gerais, bem como suas possibilidades

¹ Para ressaltar o caráter universal dessas obras, preferimos a expressão “cinema produzido em Minas Gerais” e suas variações, ao uso da terminologia “cinema mineiro” que poderia sugerir um certo regionalismo e, conseqüente hierarquização em relação aos locais em que as produções cinematográficas não recebem adjetivos relativos à sua origem.

² O projeto “Geografia do cinema mineiro e educação do campo: o cinema ocupa os territórios campestres mineiros”, aprovado e financiado pela Fapemig através do edital 009/2024, tem duração de quatro anos, com início em Dezembro/2024 e previsão de encerramento para Dezembro/2028). Além das exibições em diferentes comunidades e regiões de Minas Gerais, está prevista também, a realização de registros audiovisuais e outros produtos para a educação do campo. Para fins de divulgação, utilizamos o nome “Campecine”.



de acesso (plataformas de streaming, por exemplo)³; b) exibições abertas realizadas na UEMG/Divinópolis e, c) exibições para pequenos grupos, também abertos, na escola do Acampamento, de acordo com o desejo e a disponibilidade de seus moradores. Nesse contexto, buscamos refletir sobre o terceiro momento de curadoria, realizado por meio de encontros com os trabalhadores Sem Terra, cuja finalidade é a escolha de títulos de seu interesse, a fim de serem exibidos em eventos maiores, denominados de “Sessões Públicas”, apresentadas para todo o Acampamento⁴.

Trata-se, portanto, de uma proposta que envolve atividades de pesquisa e extensão, situada no diálogo entre cultura e Educação do Campo, nas quais buscamos construir espaços para exibição de filmes que possam se constituir, ao mesmo tempo, como experiências educativas, lugares de trocas de saberes e produção de conhecimento popular. Para que seja possível construí-los, nos perguntamos: qual seria o “atrativo” do cinema nesses territórios rurais, isto é, como despertar o interesse do público para a exibição de filmes, especialmente aqueles produzidos em Minas Gerais?

Desenvolvimento

Entre os meses de Abril e Agosto de 2025, realizamos quatro sessões de curadoria coletiva, constituídas como encontros abertos para quem pudesse e quisesse participar, tendo por esse motivo número variável de participantes.⁵

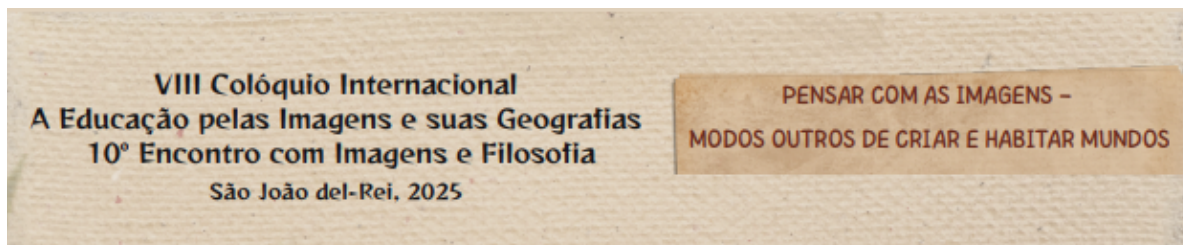
As exibições são realizadas em salas de aula da escola “Elizabeth Teixeira”, locais onde também organizamos pequenas rodas de conversa com o intuito de construir debates acerca de nossas impressões e atravessamentos que são mobilizados em contato com os filmes – momentos que se constituem como verdadeiras trocas de saberes e que servem de apoio para as discussões apresentadas aqui. Além disso, realizamos registros audiovisuais desses encontros com o objetivo de produzir materiais que possam servir como memória e, ao mesmo tempo, materiais educativos sobre cinema para serem utilizados na educação do campo. Nesse ínterim, até este momento foram exibidos nove curtas-metragens e alguns trailers infantis. Com exceção de Aurora (2022), de Clara Facuri, que apesar de ter sido filmado no Vale do Jequitinhonha, foi produzido em São Paulo – todos os outros títulos foram realizados em Minas Gerais.

Para pensar nos efeitos suscitados por tais imagens e suas histórias, isto é, tratar o cinema em seus fundamentos educativos, buscamos considerar três vetores onde ele atua: a) como tela, linguagem e dispositivo; b) como espelho, metáfora da identificação; e, c) como janela, lugar de proposição de mundos (ALMEIDA, 2017).

³ Até o momento, utilizamos principalmente filmes disponibilizados de maneira gratuita pelas plataformas EmbaúbaPlay, Minas Play e Cine Humberto Mauro Mais.

⁴ Em cada ano de desenvolvimento do projeto, está prevista a realização de três Sessões Públicas.

⁵ Antes do crime do rompimento da barragem de Brumadinho, em 2019, os moradores contam que era possível se banhar no Paraopeba, rio que corta o Acampamento.



A tela é o lugar onde se desenrolam as histórias e se apresentam as imagens, especialmente montadas para que a narrativa se construa de determinada maneira. Nas palavras de Almeida, “ (...) sabemos que o que vemos é uma imagem, que estas imagens estão encadeadas pela montagem e que essa montagem busca produzir certos efeitos, dentre os quais, inclusive, o de fingir que o que se mostra é a realidade” (ALMEIDA, 2024, p. 50). Objeto aparentemente inerte, seu tamanho influencia ainda a forma como assistimos aos filmes; a tela grande, por exemplo, tem potencial para proporcionar experiências mais coletivas e favorecer nossa capacidade de atenção.⁶

Já como espelho, referimo-nos às possibilidades de nos identificarmos com o que estamos assistindo, “encontrando nos filmes nossos próprios devaneios, sonhos, desejos, fantasias, pensamentos, ideias, etc.” (ALMEIDA, 2024, p. 51), ressignificando nossos modos de ser através dessa possibilidade de observação que as obras nos proporcionam.

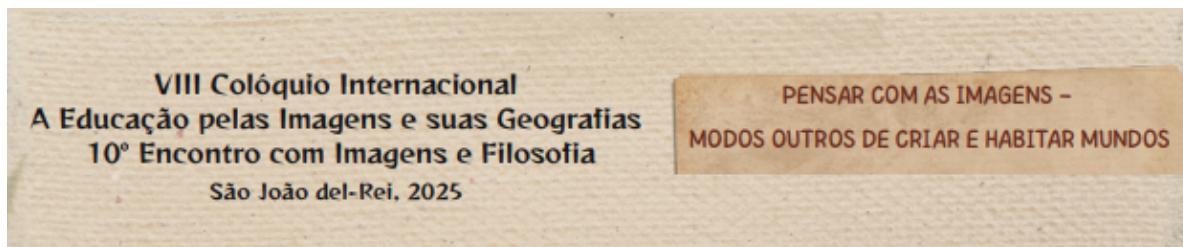
A título de exemplo, com a exibição de “Aurora”, um documentário que retrata os primeiros dias de vida de um Acampamento do MST, no norte de Minas Gerais, vimos a plateia se emocionar ao lembrar os momentos de chegada no Acampamento Pátria Livre. Ao se enxergar no outro, reconhecendo-se nas imagens da tela grande, algumas memórias vieram à tona: a falta de água encanada e os banhos de rio⁷, as reações alérgicas a carrapatos e bichos de pé, a friagem que entrava pelas lonas, permitindo que os moradores revisitassem suas histórias, atribuindo valor às próprias lutas. “Depois que eu já fiquei até agora, quero ficar até o fim”, comentou um Sem Terra.

Nesse sentido, uma hipótese que surge dos primeiros encontros de curadoria é a de que para consolidar o interesse das pessoas por obras que muitas vezes estão fora do circuito dito comercial, tem mais eficácia começar por produções que geram identificação, ou seja, aquelas em que o cinema funciona como espelho. Em certa ocasião, uma participante perguntou para os companheiros: “qual desses filmes vocês acham que mais se parece com o que a gente vive aqui?”, utilizando esse aspecto como um possível critério de escolha. Com a possibilidade de identificação, ocorre também a familiarização com outras linguagens, temáticas e estéticas, construindo, gradualmente, um ambiente propício para a inserção de outros títulos.

Por essa lógica, logo em seguida exibimos o curta-metragem “A vida é coisa que segue”, com propostas estéticas adaptadas da literatura para o cinema. Nessa exibição, a história de um menino que perdeu o pai contrastou com a realidade local, misturando elementos comuns, como a benzeção, com aspectos específicos da vida na roça em outra região do estado, a Zona da Mata. Apesar das diferenças, o humor trazido pela narrativa foi

⁶ Dentre os temas considerados dentro da perspectiva do cinema como espelho, estão filmes sobre reforma agrária, Agroecologia, Movimentos Sociais e outras questões políticas. Além disso, parece-nos que, dentro do universo do cinema independente, os documentários geram processos de identificação mais direta do que as histórias de ficção, por exemplo.

⁷ Esta maneira de encarar o tempo, nos lembra também o pensamento de Giorgio Agamben, para quem a ideia de revolução está relacionada com as possibilidades que temos de “mudar a experiência do tempo, mais do que mudar o mundo” (AGAMBEN, 2009).



um ponto importante para que os participantes do encontro valorizassem o filme, apontando caminhos para nossas pesquisas de curadoria.

De igual modo, também constatamos o mesmo interesse quando apostamos em filmes sobre trajetórias femininas. Em “Artemísia: terra de mulheres” (2022), de Oriane Descout, as mulheres Sem Terra se identificaram um pouco com os desafios enfrentados por companheiras do leste mineiro para permanecer e cuidar da terra. Já em “Trindade” (2020), de Rodrigo Meireles; “Ângela” (2019), de Marília Nogueira; “Estado Itinerante” (2016) de Ana Carolina Soares; “A grande luta” (2021) de Julio Folha e “Quinze” (2014) de Maurílio Martins, as histórias funcionaram como janelas de projeção para o conhecimento de outros mundos, contribuindo para nos fazer refletir não só sobre nossos próprios caminhos, mas também sobre experiências comuns em contextos distintos, “como se olhássemos através da tela para um horizonte ampliado, diferente, mas parecido com o mundo que conhecemos ou, ao menos, em diálogo com ele” (ALMEIDA, 2024, p. 50).

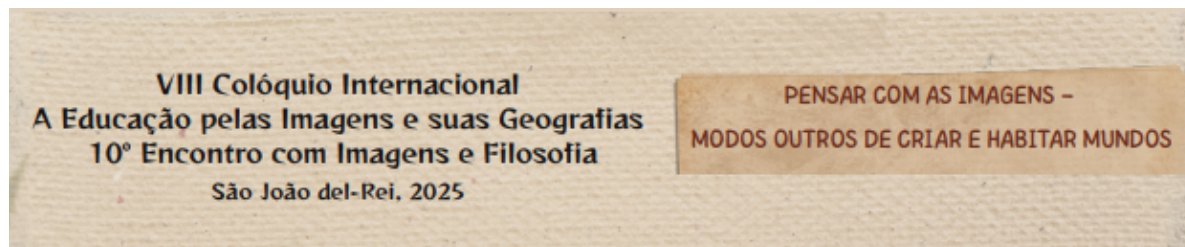
Na sequência, o documentário “Quilimérios” (2020), de Emerson Penha, trouxe a história de um povo que ainda hoje vive isolado nas montanhas da região nordeste de Minas, com modos de vida bastante distantes dos que conhecemos, fato que gerou no público campesino a sensação de “estar” no passado e não no tempo presente. Por esse olhar, o filme ressaltou a possibilidade de mergulharmos em outras realidades, reconhecendo a diversidade de populações com que compartilhamos existência em Minas Gerais. Por outro lado, como migrantes que são, muitos Sem Terra vieram dessa parte do estado ou até mesmo de estados próximos, como a Bahia, identificando na telona seus locais de origem e lembrando hábitos que tinham em suas cidades natal.

Na sessão em que exibimos trailers de filmes infantis, a lógica com a qual trabalhamos funcionou da mesma maneira, isto é, buscamos identificação, trazendo temas correlatos à vida na roça, aos movimentos sociais, dentre outros, mas também procuramos fazer com que pouco a pouco essas associações não ocorram de forma tão direta e possibilitem ampliarmos cada vez mais nossa oferta⁸. Dessa forma, as crianças elegeram o filme “Placa Mãe”, que traz discussões atuais sobre diversidade familiar, como título para nossa próxima Sessão Pública.

Nesse movimento, procuramos pesquisar e ofertar produções capazes de gerar reconhecimento e trazer, ao mesmo tempo, possibilidades de ampliação de repertório, inclusive estético, para esse público. Com a experiência dessas exposições, uma possibilidade de leitura para o suposto desinteresse das pessoas pelo cinema é a falta de acesso, tanto a espaços de exibição (físicos e virtuais), quanto ao conhecimento de um repertório de filmes que lhes interesse e lhes dê autonomia de escolha.

Um de nossos curadores Sem Terra foi enfático no primeiro dia: “Eu não gosto de cinema” e, no entanto, tem sido sempre o último a deixar nossos encontros, mostrando-nos

⁸ Por este raciocínio, uma participante nos disse que as ações do projeto, contribuem para o processo de resistência ativa na luta pela terra travada pelos moradores, uma vez que auxilia na construção de estabilidade, onde a instabilidade, muitas vezes é estratégia de violência, medo e tantas outras formas de opressão.



que talvez se trate mais de não gostar das mesmas e poucas possibilidades audiovisuais ofertadas pelos meios de comunicação hegemônicos, do que propriamente não gostar de cinema.

Quanto à perspectiva de formação de público, acreditamos que nos dias atuais, além dos títulos escolhidos, merece atenção também o modo como são exibidos e/ou a forma como são assistidos. Tal percepção refere-se à facilidade de acesso que temos a conteúdos audiovisuais, através da presença das telas e das tecnologias em nossos cotidianos, permitindo o contato com vídeos a qualquer tempo e em qualquer lugar.

Nesse sentido, perguntamos: como temos escolhido aquilo que assistimos? Por que escolheríamos fazê-lo em espaços coletivos, por exemplo? O que faria nossas exibições fugirem de uma lógica aditiva na qual o resultado é o excesso de informações que nos chegam em velocidade acelerada todos os dias, com o objetivo de aumentar nossa capacidade de produção e consumo? Como fazer com que nossos encontros de curadoria se transformem também em experiências educativas?

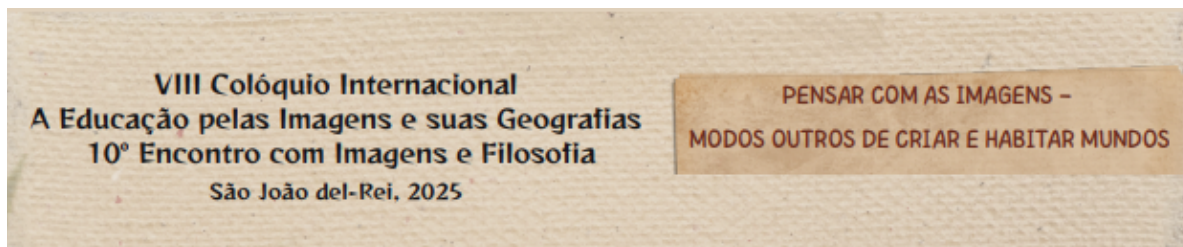
Para construir os encontros, arriscamos pensar que talvez nosso interesse possa ser balizado pela capacidade que uma experiência tem de nos atravessar, de nos marcar, em vez de simplesmente ser consumida num acréscimo contínuo de informações (LARROSA, 2022). Para isso, o filósofo Byung-Chul Han nos dá pistas, afirmando a necessidade de construção de abrigos no tempo, isto é, práticas rituais, a fim de reter aquilo que se vive, protegendo nossas experiências da violência acelerada do excesso de informações. De acordo com Han, rituais são:

no tempo o que uma habitação é no espaço. Fazem o tempo se tornar habitável. Sim, fazem-no viável como uma casa. Ordenam o tempo, mobiliam-no. [...] Pois é bom quando o tempo que passa não nos pareça algo que gasta e destrói, como a um punhado de areia, mas como algo que nos realiza. É bom que o tempo seja uma construção (HAN, 2024, p. 11).⁹

Diante disso, para que seja possível fazer da prática de assistir filmes, por exemplo, uma construção temporal, guardada na memória das pessoas, ou melhor, inscrita em seus corpos, parece-nos fundamental inventar formas de ritualizá-la, isto é, demarcar tempos e espaços destinados especificamente ao encontro e ao cinema. Além disso, atribuir-lhe duração, com histórias que têm início, meio e fim, aspecto que ajuda a construir sentidos.

Um ritual se constitui ainda quando se conclui: permanecemos, especialmente por estarmos diante da presença do outro, isto é, de um limite para nossas próprias interrupções. E também quando se repete: assim, ao longo das diferentes etapas, assistimos ao mesmo filme diversas vezes, exercitando nossa capacidade de renovação do interesse por uma mesma obra,

⁹ Nas "Sessões Públicas", utilizamos uma tela inflável que, além de facilitar a experiência coletiva, produz uma ambientação cinematográfica ainda mais efetiva, quebrando a lógica espacial do cotidiano.



de permanecer debruçado sobre detalhes despercebidos, em vez de cultivar uma obsessão pela novidade, tão característica de modos de vida voltados para o consumo. “No reconhecimento reside sempre o fato de que se conhece agora mais propriamente do que era possível na inibição momentânea do primeiro encontro. Reconhecer avista o permanente no fugaz” (HAN, 2024, p. 10). Soma-se a isso, o fato de que a própria regularidade desses encontros faz deles um hábito frequente, paulatinamente incorporado às atividades do Acampamento¹⁰.

Por último, outro aspecto que nos auxilia na ritualização de nossas práticas de escolha e exibição de filmes é a produção do espaço, isto é, a transformação de locais, que têm outras funções, em salas de cinema. Nesse caso, utilizamos as salas de aula da escola, adaptando a luz com a fixação de cortinas de papel nas janelas, utilizando tela específica para exibição, além do preparo de pipoca e outros alimentos.¹¹ Na curadoria que fizemos com as crianças, uma moradora sugeriu e disponibilizou colchões para colocarmos no chão, “assim não fica parecendo mais uma aula”, ela nos disse.

Essa ambientação tem funcionado muito bem como forma de transformar, com objetos, o caráter dos espaços, atribuindo-lhes a função específica de exibição de filmes, ajudando a preparar o corpo e, ainda, direcionar a atenção do público.

Conclusões

Estes percursos têm nos mostrado, em primeiro lugar, a importância e o papel da pesquisa para possibilitar o acesso e a circulação de filmes, com os quais não teríamos contato, caso não nos dedicássemos a olhar com profundidade e atenção para o cinema produzido em Minas Gerais.

As histórias trazidas por estas imagens nos dão, ao mesmo tempo, oportunidades de reconhecimento e estranhamento, apresentando-nos através das telas povos e lugares de um território diverso e narrado por múltiplos olhares. Nesse sentido, são movimentos capazes de nos fazerem pensar sobre nossos próprios mundos, visitar memórias e conferir outros sentidos para o cotidiano vivido por cada um de nós – o cinema pensado como tela, janela e espelho.

Com o objetivo de explorar ainda mais o potencial que uma obra cinematográfica tem de nos atravessar, isto é, de nos ensinar coisas e produzir conhecimentos, temos construído coletivamente nossas práticas de exibição e seleção. Dividindo essa curadoria em etapas e apostando em encontros presenciais para “ver junto”, buscamos estabelecer e fortalecer vínculos, aumentando a importância do simples ato de assistir filmes, banalizado pelo excesso de telas e informações que caracteriza nosso momento histórico atual. Dessa forma, nosso

¹⁰ Nos encontros de curadoria utilizamos uma tela desmontável que mede 2,10m por 1,5m, enquanto nas Sessões Públicas nossa tela é inflável, medindo 4m por 2,7m.

¹¹ Aproximadamente dez pessoas estiveram presentes em cada sessão já realizada.

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

objetivo é transformar esses momentos em experiências, para usar o termo de Jorge Larrosa, ou em rituais, se quisermos dialogar com Byung-Chul Han.

Por fim, vamos percebendo que os encontros de curadoria, além de nos permitir a troca de conhecimentos sobre títulos e modos de assistir (aplicativos e plataformas de acesso, equipamentos, formas de produção dos espaços de exibição, dentre outros) extrapolam sua função de seleção e exibição de filmes, constituindo-se como verdadeiros intercâmbios de saberes. Nesses espaços ressignificamos o tempo e a escuta tem lugar privilegiado, permitindo-nos conhecer histórias de vida, debater assuntos contemporâneos e outros aprendizados, em um território onde a cultura e a educação vêm se estabelecendo pouco a pouco através dos laços e lutas que vão sendo construídos.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Chapecó, SC: Argos, 2009.

ALMEIDA, Rogério de. Cinema e educação: fundamentos e perspectivas. Educação em Revista, Belo Horizonte, nº 33, 2017.

_____. Cinema, imaginário e educação: os fundamentos educativos do cinema. São Paulo: FEUSP, 2024.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Rev. Bras. Educ.*, nº 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/> Acesso em: 04 mai. 2025.

EDUARDO, Cleber. Cinema em Minas Gerais, mineiro nas diferenças!. *Cinémas d'Amérique latine*, nº 31, p. 24-33, 2023. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cinelatino/10362#authors> Acesso em: 02 jul. 2025.

HAN, Byung-Chul. O desaparecimento dos rituais: uma topologia do presente. 1ª ed. 3ª reimp. Petrópolis: Vozes, 2024.

PISTACHE, Viviane. A Filmes de Plástico traz Mar, Marte e Oscar a Minas Gerais. *Cinémas d'Amérique latine*, nº 31, p. 44-57, 2023. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cinelatino/10543#quotation> Acesso em: 20 jul. 2025.